



A índia guarani Alda mostra o lugar onde encontrou seu filho Claudenir, de 15 anos, pendurado por um fio de antena. "Ele estava roxo, mas se salvou". Fim diferente do parente de Nilda (no destaque), que visita seu túmulo.

# A guerra contra a vida

Eles eram guariny hára, guerreiros que herdavam dignidade. Hoje praticam ojejuka: com uma corda no pescoço, deixam a tristeza como herança.

VALDIR SANCHES

está cercado."

Guarini: guerra. Guariny hára: guerreiro. Ojejuka: suicídio. Por que cinco séculos depois tantos jovens guaranis, herdeiros da dignidade de uma nação de valentes, estão fugindo para a morte? Por que eles passam uma corda em um galho de árvore e se enforcam? Alceu tocava violão, é verdade que de uma maneira estranha. Algumas horas depois, encontraram seu corpo num casebre abandonado. Tinha 16 anos. O deduz, o enforcamento, foi pouco antes do Natal. Alceu foi o último em uma seqüência de 20 suicídios de jovens guaranis ocorridos em 1990. E um dos cerca de 40 canay ou cuñatay, rapazes ou moças que praticaram o ojejuka, suicidaram-se em uma mesma área nos últimos cinco anos: a reserva indígena de Dourados, no Mato Grosso do Sul.

Quando fizeram seu primeiro contato com o homem branco, na época do Descobrimento, os guaranis dominavam a mata. Hoje, mais de 6.000 deles — os de Dourados — estão confinados na reserva de 3.475 hectares. Eles eram 548, em 1946; 3.490, em 1983. Expulsos das terras livres, acabaram concentrados na reserva, em uma média de 2,5 hectares por família — o que se considera superpopulação. Não têm mais caça, nem abundância de frutos silvestres. A vizinhança com a cidade — a reserva começa a três quilômetros do centro de Dourados — influenciou os jovens índios, que estão se afastando de suas tradições. E facilitou o consumo da pinga. A grande maioria dos índios que se enforcaram, dizem os caciques e autoridades brancas, estava bêbada.

"Os nossos moços querem trabalhar, mas não conseguem. São agricultores, nasceram assim. Mas não têm recursos para plantar. Acabam largando a família e vão trabalhar de bóia-fria. São enganados, ganham muito pouco. E eles querem ter roupa bonita, bicicleta, as coisas que vêm na cidade. Quem não quer? E como não têm, ficam com desgosto da vida." Esta explicação do cacique Biguá (pescador, em guarani), que também é chamado capitão, e tem o nome civil de Aylton de Oliveira, justifica por que os jovens ficam deprimidos. Mas não, necessariamente, por que se suicidam. "Isto eu não sei", confessa. O segundo dos dois caciques da reserva, Avádiguacai, ou capitão Carlito Oliveira, diz que manda papezinhos para a Prefeitura de Dourados, ou a Funai, empregar jovens índios (as moças trabalhariam até na limpeza das ruas). Mas nada consegue. "Os moços ficam sem trabalho e vão para a bebida." Mas por que chegariam ao suicídio, em vez de tentar outra vida? "No tempo do meu avô, o índio que não estava bem deixava tudo e ia embora para outro lugar na mata. Mas agora a gente não pode ir,

"O meu menino me disse: mãe, eu vou embora, vou trabalhar. E eu disse: não, fique aqui, vamos lutar. Ele não aceitou: mãe, nós lutamos tanto, trabalhamos tanto, e não conseguimos nada. Ele não quis me ouvir." No dia seguinte, Alda da Silva estava fazendo o jantar, ouviu "um estalo". Espiou pela porta de seu casebre de tábuas coberto de palha: "Ele estava pendurado na árvore". O filho Claudenir, de 15 anos, pendia de um fio de antena de televisão mas não estava morto. "Eu desatei o nó e joguei ele no chão. Estava roxo, meio mal, mas se salvou." Isso foi no ano passado. "Depois disso ele saiu de casa. Foi para outro canto da reserva." O relato de Alda começou espontaneamente, quase como um desabafo; e terminou em lágrimas. Ela estava falando dos moços que "querem a vida deles, o dinheiro deles, mas não conseguem". A mulher e seu marido, com dois filhos e outros dois de criação, plantam soja, de maneira rudimentar, em um pedaço de terra da reserva.

Alceu (da abertura desta matéria) estava triste, sentando num toco, no terreiro cheio de cães magros do casebre onde morava com a avó. Tocava violão, mas a letra era estranha: dizia que não ia mais incomodar, dar trabalho para a avó, que o criava. Esta índia velha, Domingas Floripa, ouvia a toada. Certo momento afastou-se. "Fui à casa da minha filha, aí vizinha, pegar um caldo." Quando voltou, o neto não estava mais lá. Um filho de Domingas descobriu o corpo pendendo da forca, em uma casa abandonada, bastante próxima. A avó diz que Alceu na verdade a ajudava: plantava uma rocinha e, quando trabalhava em fazendas, comprava-lhe alimentos. Bem, ele também teve um caso de frustração no amor, namorou uma moça pensando que seria boa dona-de-casa, "mas ela só gostava de farrá". O sonho do jovem guarani, aparentemente, era casar-se e cuidar de porcos e galinhas, "o que mais ele gostava". Alceu bebia? Não, diz a avó.

A bebida secular dos guaranis é a chicha, uma beberagem alcoólica obtida da fermentação do milho ou da mandioca. Nos primeiros tempos, o milho era mastigado por índias jovens e puras, para (acreditavam) dar boa qualidade à fermentação. A chicha é feita até hoje, e consumida em uma festa com canto, dança e que leva o mesmo nome da bebida. Mas a festa tornou-se cada vez mais rara. A pinga substituiu a chicha há muito tempo. Recentemente, surgiram na reserva bailes de jovens, com lambada e tudo. Estas duas novidades — o baile e a pinga — são a causa de tantos suicídios, no entender do ancião Avarandui, ou Ireño Inardi, que até há quatro anos era cacique/capitão da reserva. Em seus 91 anos, Ireño diz que nunca permitiu a entrada da pinga, e nisso es-

**"Eu estava muito triste. Sentia que queria morrer."**

Rosinha, índia bonita de 14 anos, disse que ia comer melancia. Entrou no mato e enforcou-se. Mas foi salva a tempo. Com isso o professor João Machado, um índio que leciona no primeiro grau, não precisou somar mais uma morte entre seus alunos. Em 4 anos, entre 1985 e 1989, sete moças e dois rapazes — nove dos alunos do João — se enforcaram.

Só uma vez, o professor percebeu que uma aluna estava estranha: "Ela mostrava uma alegria exagerada, uma euforia sem motivos. De sexta para sábado, se enforcou". João não tem uma explicação determinante para tantos suicídios: "É um complexo de coisas: os pais não estão dando educação, os velhos costumes, mas copiando a educação dos brancos. As crianças acabam não tendo nem educação índia nem branca. Ficam despreparadas para as dificuldades da vida, namoro, sexo, alcoolismo".

As vezes, diz o professor, elas sentem vergonha de certos atos. Participam ou são apanhadas em uma "feira", orgia primitiva, com muita bebedeira, feita na própria reserva indígena ou engenhos de álcool da região. Acabam sofrendo física e moralmente.

Rosinha Espindola sofre de bronquite e tem o problema de audição. "No ano passado, ela ficou internada por causa da bronquite. Depois disso, começou a falar em morrer", diz seu irmão Ranulfo. Mas há outros casos: "Ela tinha um namorado, que não queria casar. Eles bebiam até cair e depois falavam em se enforcar". A pinga entra livremente na reserva indígena. A mãe, Maria, diz que no dia 1º último a moça estava doente, com dor de ouvido. Assim mesmo, saiu para passear — ou para conseguir um pedaço de corda, que ninguém sabe de onde veio —; voltou e disse que ia comer a melancia. Os parentes a encontraram pendendo de uma árvore, agiram rápido, e a salvaram. Rosinha, por que você fez isso? "Eu estava muito triste. Sentia que queria morrer". Por quê? "Não sei."

pelhou-se no marechal Rondon, a quem, conta, ajudou em sua passagem por estas terras. A pinga é um mal: "Com dois tragos, a pessoa não pensa mais direito". O baile, outro: "Os homens arranjam namorada e largam a mulher".

Quando vivia na mata virgem, o guarani respeitava os anciãos, como chefe da família e conselheiro da tribo. Hoje, Ireño tem quinze netos e nem sabe quantos bisnetos, e apenas um deles vem procurá-lo em busca de conselhos. E um dos que não vêm é Carlito Oliveira, o cacique/capitão que o substituiu. "Os rapazes novos não obedecem nem pai e mãe", diz por sua vez Carlito. Os mais velhos acham que o desrespeito às tradições também contribui para o estado de espírito que está levando os jovens ao suicídio.

O pajé Avarandu diz ter mais de 80 anos, mas desconfia estar perto dos 100. Zacaria Brito, esse velho encarquilhado, encolhido — mas sua presença vigorosa — acha muito mal para os jovens não frequentarem o xiru, o altar que mantêm sob uma palhoça, no terreiro de sua casa. O guarani respeitador não come uma espiga de milho sem trazê-la ao xiru para o benzimento. Em seus rituais, o pajé agita o baracá (maraca) e diz sua reza. A perda das tradições está desagradando o Tupã Nhandejara, o deus Guarani — diz o pajé que, para esses assuntos íntimos, só fala em guarani. Longe do altar, "os jovens adoecem e ficam loucos. Bebem e se enforcam". "É isso o que está acontecendo." As pessoas que morrem decentemente "vão para lá". Avarandu aponta na direção do sol nascente. Ali é a salvação. Mas os que morrem enforcados ou esfaqueados, "vão para cá" (à esquerda e para traz). Ali é o Ininbodju recoete, a perdição.

Se despreza o pajé, uma parte da juventude guarani (embora pequena) acata os ensinamentos de três correntes da Igreja Presbiteriana que se uniram com a Metodista e fundaram uma missão junto à reserva. Chegaram cedo — à frente da Igreja Católica do padre Anchieta: em 1928. A missão tem um hospital com cem leitos, ajuda na recuperação de casas e perfuração de poços e "presta assistência espiritual". O diretor de campo interino, pastor Benedito Troquez, que está aqui há 30 anos, diz que apenas "uma minoria" de índios frequenta os cultos. O pastor tem uma visão definida para o caso dos suicídios: "Esses jovens índios não estão nem em sua aldeia primitiva, nem alcançaram a civilização". E neste ponto endossa o conceito dos caciques, de que os atrativos da cidade, que não podem ter, os frustra e revolta. Mas a dúvida persiste: por que esses jovens guaranis de Dourados estão passando da frustração (que atinge tantos outros jovens fora dali) para o suicídio? Ninguém, em nenhum nível, tem uma resposta satisfatória.

Marta Fernandes é uma cuñatay bonita, de 14 anos. Não sabe falar português. Usa saia e blusa simples, e o calçado padrão da aldeia: sandália tipo havaiana. O que mais gostaria de ter, para si? "Uma bicicleta e uma roupa", diz em seu guarani sonoro. Sua música predileta é a do cantor regionalista Amado Batista. Mas só pode ouvi-lo quando aparece alguém com rádio: em sua casa não há nenhum, como não há televisão. Marta gosta também de ouvir discos de música paraguaia cantada em guarani (porque entende a letra). Quando vai a Dourados fica olhando os aparelhos de som, nas vitrines. Namorado? Não tem. "Tenho vontade de ter (confessa acanhadamente à tradutora que atende ao JT). Mas para conseguir precisa ter roupa boa, "e eu não tenho".

Gelásio Abrão da Silva é um canay de 15 anos. Cabelo negro, dentes fortes. Está suado do trabalho na roça, sedento, parece exausto (apanha água do poço). Os rapazes guaranis são reservados com estranhos. Mas diz que vive com a mãe, o pai "está fora". Também gosta do Amado Batista e não tem rádio. O que mais gostaria de ter: "Camisa, chapéu e calça". Em outro ponto, Jairo de Oliveira, 15 anos, chegando da roça, faz muita força para vencer o mutismo e responder: seu grande sonho é ter uma bicicleta. Seu ideal de vida, ser tratorista. Por que acha que jovens como ele se suicidam? "Porque não estão contentes com a sua vida." O assunto agrava de vez o mutismo do canay. E então alguém explica: "A mãe dele se matou quando ele era pequeno." "Bebeu noite e dia e depois se enforcou."

Na aldeia indígena de Dourados estão os guaranis-kaiowa e os guaranis-nhandeja, que sempre viveram na área correspondente ao sul do Mato Grosso; e os terena, vindos do Pantanal. "Os Terena foram levados a Dourados na década de 20 para ensinar agricultura aos guaranis — que na verdade já a sabiam muito bem", diz o antropólogo Rubem Thomaz de Almeida, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que viveu de 1976 a 1981 entre índios do Mato Grosso do Sul. "Acreditava-se que em pouco tempo os Terenas seriam assimilados à sociedade regional, e levariam consigo os guaranis. Mas isso acabou por ampliar os problemas de Dourados." Outro dado: "Dourados foi, neste século, catalizador de famílias guaranis oriundas de diversas regiões do Sul do Mato Grosso. Os organismos oficiais têm manifestado uma tendência quase compulsiva em inchar esta área, para onde são levados todos os índios que entram em conflito com fazendas da região." Rubem — que não identifica a causa do suicídio dos jovens — defende que os guaranis não perderam sua identidade e não se entregaram à civilização. A verdade é que na reserva de Dourados os caciques guaranis estão indignados com os terenas, que introduziram os bailes, com lambada tocada na sanfona.